

## **A PRIMEIRA INDEPENDÊNCIA E AS ORGANIZAÇÕES NACIONAIS - 1960**

Versão do curso de História argentina dado oralmente na Faculdade de Humanidades de La Plata, em 1960.

Os historiadores da independência latino-americana da Espanha e Portugal estão divididos em dois grupos: os que a consideram um resultado de fatores internos e os que creem que foi determinada por contingências externas. Uns falam do surgimento de uma "consciência nacional" dos crioulos ou de determinadas burguesias nativas, e outros da decadência ibérica ou da influência da França e Inglaterra.

O curioso é que, salvo raríssimas exceções, nenhuma das duas tendências aprofundou as diferenças, partindo da análise da importância relativa dos fatores internos e externos para somente depois pronunciar-se pelos fatores que consideram decisivos. Tampouco se interrogam sobre o problema geral do método para encarar o estudo.

No entanto, ainda que ninguém se lembre, toda tentativa de interpretação científica da nossa história, deve partir desta questão previa: quais elementos foram essenciais na dinâmica de nossa independência, os internos ou externos?

### **O interno e o externo na nossa história**

O descobrimento da América sentou as bases da Formação do mercado mundial e do domínio capitalista. Desde então, começou a haver uma nova combinação entre os fatores internos e externos no acontecer histórico de todos os países civilizados do mundo.

Durante milhares de anos, o externo só influenciou nas distintas zonas e países, entrando na vida das comunidades na forma de guerra, invasão, cataclismo, com características esporádicas. O que determinava os acontecimentos era o desenvolvimento dos fatores internos somente alterados pelos externos de vez em quando. Porém, com o advento do capitalismo mundial, a incidência dos fatores externos se fez constante em todos os países.

Naturalmente, ao ser constante essa incidência, nem por isso foi decisiva, como afirmam os liberais. A constante externa passa a atuar sobre as forças internas, desenvolvendo-as ou contradizendo-as. A dinâmica interna passa a desenvolver sua própria vida, alterada, deformada, mudada, completada, integrada pela dinâmica externa. Não há subordinação de uma a outra e sim uma relação dialética, as vezes de contradição e outra de coordenação. Por **essa** razão, ao analisar a independência latino-americana, tomamos o externo, para ligá-lo ao desenvolvimento interno das forças produtivas, às relações entre as classes, e ao fenômeno histórico-cultural.

### **Características dos Impérios Espanhol e Português**

Partindo do externo, a independência latino-americana foi consequência da crise dos impérios espanhol e português; Espanha se parece aos impérios Austro-húngaro e Russo, por ser uma dominação essencialmente política de características asiáticas ou feudais e em permanente competição militar, econômica e política com as grandes potências capitalistas norte-ocidentais. Daqueles impérios, Espanha foi o primeiro em desintegrar-se (cem anos antes que os outros), e, nisso, pesaram os motivos geográficos: suas comunicações internas eram marítimas através do "mare nostrum" dos comerciantes ingleses, holandeses e franceses. Rússia e Áustria-Hungria perduraram um século mais, porque suas comunicações internas eram terrestres. Para unir as distintas partes de seu império, Espanha necessitou desenvolver as forças produtivas e competir com a Inglaterra, Holanda e França. Especificamente, promoveu a indústria marítima, porém isso só era possível promovendo o desenvolvimento capitalista.

### **Decadência relativa da Espanha e Portugal**

É quase um slogan dos historiadores, definir a decadência espanhola y portuguesa, e o avanço inglês y francês, como causas da independência. No entanto, a decadência é relativa. Na verdade, a independência não foi resultado da decadência do império, E SIM SUAS TENTATIVAS DE DESENVOLVIMENTO. Espanha e Portugal, muito mais que Rússia, necessitaram desenvolver suas forças produtivas pelos motivos que assinalamos, e a concorrência com a Inglaterra provocou numerosas guerras entre ambos impérios. O império ibérico adotou uma série de medidas de promoção industrial, que acarretaram um importante desenvolvimento capitalista. Catalunha, no final do século XVIII tinha mais de 100.000 operários têxteis, e

em várias indústrias aplicou-se a revolução técnica ao mesmo tempo que na Inglaterra. Porém, este desenvolvimento econômico, que na Rússia serviu para fortalecer o Império, na Espanha serviu para o contrário, pois provocou tendências centrífugas regionais, opostas ao centralismo político de Madri. Paradoxalmente, o avanço econômico da Catalunha, Vascongada, Andaluzia, Venezuela e Rio da Prata - as regiões mais favorecidas pelas reformas borbônicas - debilitou mortalmente o império.

Deste modo, são dois fatores combinados que confluem para provocar o estrepitoso fracasso dos planos borbônicos: o desenvolvimento que se produz de forma regional e centrífuga, e o triunfo da Inglaterra na concorrência econômica, militar e política. De todas formas, a "decadência" espanhola é apenas relativa, se produz apesar do desenvolvimento das forças produtivas. E já veremos a importância que tem isto.

### **As burguesias regionais desenvolvidas pela Espanha**

O desenvolvimento capitalista do império espanhol foi desigual e centrífugo. O plano borbônico frutificou, porém suas consequências são inversas às projetadas. Uma das causas é a dificuldade nas comunicações internas. Outra, muito importante, foi a inexistência de um mercado interno e de uma burguesia nacional, e o tremendo peso do passado feudal.

Os reis da Espanha trataram de conseguir o desenvolvimento capitalista sem destruir as travas semifeudais, e com esse lastro retardatário, se defrontaram com a pressão da Inglaterra que penetrava por todos os poros do Império já que controlava o mercado mundial. Praticamente todas as regiões do império limitavam com a Inglaterra, ou estavam mais próximos de Londres que de Madri, banhadas pelas águas atlânticas do "mare nostrum". Daí que o desenvolvimento burguês do império espanhol tivesse esse caráter regional, e ligado à divisão de trabalho imposta pela Grã-Bretanha, que marcava o ritmo do mundo. E a outra consequência que nos interessa é que o regionalismo espanhol, latino-americano e brasileiro, longe de ser uma reminiscência feudal, foi um produto do desenvolvimento borbônico que –para horror dos sectários- não centralizou o império como nos países do norte e oeste da Europa.

### **A Independência da América Latina**

Não se pode compreender a independência sem o panorama que descrevemos e que em última instância explica porque na América Latina se originou produções e burguesias regionais e não uma só burguesia nacional unificadora. As regiões desenvolvidas, estavam no litoral atlântico: Venezuela, Rio da Prata e São Paulo. Elas que impulsionaram o processo de desintegração nacional, provocado pela decadência relativa da Espanha e Portugal. Espanha teve um eixo econômico na América Latina, que foram as minas do Alto Perú. Quando, no final do século XVIII começaram a esgotar-se, a burguesia ligada a essa produção e interessada na unidade do continente, perdeu forças. Era o único setor que poderia conseguir a unificação, porém, quando propôs a unificação, no Congresso da Independência de Tucumán, era já politicamente débil e impotente para consegui-la.

É assim como a América iniciou sua primeira guerra independentista acaudilhada pelas fortes burguesias regionais litorâneas. Essa direção revolucionária explica a falta de interesse na unidade latino-americana e o segredo que escondem os exércitos libertadores de San Martín e Bolívar que foram capazes de liquidar o jugo espanhol, porém não conseguiram concretizar a unidade política continental. As zonas mais ligadas ao monopólio espanhol, as mais distantes do limite atlântico, igualmente com as que tinham uma economia agrária baseada na exploração dos índios - Perú, América Central, México – foram a retaguarda da independência. É que ali, junto com o controle colonial, somava-se o agudo problema indígena e agrário que assustava às classes possuidoras. Esse problema ainda subsiste, e é um dos motores da segunda libertação da América Latina, dirigida já não pela burguesia, e sim pelas massas exploradas. Estes países e regiões são os últimos em libertar-se da Espanha e os primeiros que iniciaram a luta contra os Estados Unidos.

### **La organización Nacional de los distintos países Latinoamericanos**

Ao realizar-se a independência, os fatores internos e externos, combinaram-se de uma forma nova. A manifestação concreta do elemento externo no processo independentista foi a crise da Espanha e Portugal. Porém, a partir da libertação, foi o controle do mercado mundial por parte das potências capitalistas. Internamente, a independência possibilitou um grande avanço das forças produtivas, sumamente contraditório já que o mercado mundial fez uma concorrência que arruinou a produção regional e artesanal.

Em alguns países estas progrediram amparadas na distância e na falta de comunicações, ou no escasso desenvolvimento do comércio mundial. De conjunto, apesar das contradições, a etapa refletiu um grande avanço das forças produtivas. Durante o século XIX, a influência da Inglaterra e da França passou por três etapas claramente delimitadas, que tiveram enorme importância na organização dos modernos estados latino-americanos. A primeira etapa, que abarca até 1825 aproximadamente, se caracterizou pela influência predominante da Inglaterra no campo financeiro. O capitalismo inglês, que tinha fechado as portas da Europa para seus investimentos financeiros, realiza-os na América Latina, antecipando a etapa imperialista que depois conheceríamos. Surgiram, naquele momento, agentes financeiros nacionais, bancos, etc.

A segunda etapa, chega até 1850, e nela se desenvolve progressivamente o comércio dos impérios europeus. Ainda não havia culminado a revolução industrial nem existiam grandes bancos, de modo que se deu as trocas crescentes de artigos de luxo ou matérias primas de alto preço e não de uma grande produção industrial.

E, por fim, a última etapa que chega até a última guerra, e que a partir dos anos 1880 se combina com o moderno imperialismo dos trusts e monopólios, é de um impressionante e espetacular desenvolvimento do mercado mundial. Os países europeus, convertidos em colossos industriais, lançam fabulosas quantidades de manufaturas no mercado mundial, do qual América Latina, é parte importante. Por seu lado, o desenvolvimento das forças produtivas tem dois períodos delimitados pelo ano de 1850. Até então, havia uma luta igual entre o desenvolvimento das economias regionais e das economias para exportação, que se combinam ou excluem de distintas maneiras: em algumas zonas se complementam e apoiam; em outras a última desfaz a primeira, e noutras, nas regiões onde a produção para exportação tem importância secundária, não consegue esmagar o desenvolvimento manufatureiro regional. Porém, até 1850, ambas economias se desenvolvem em relativa harmonia no continente.

Durante todo o século passado a história continental girou em torno da luta entre a burguesia compradora-importadora e a burguesia produtora (mineira ou agropecuária que trabalhava para o mercado mundial, e a artesanal, que produzia para o mercado interno). E em alguns países o panorama se complicou com a luta camponesa, provocada pelo problema agrário. O conflito se resolveu a favor da burguesia produtora nas últimas décadas do século XIX, como consequência do desenvolvimento dos ramos produtivos. Foi assim como a burguesia latifundiária e exportadora obteve o domínio político, varrendo os comerciantes, os importadores e a pequena-burguesia artesanal. Durante seu domínio, dita burguesia organizou os países a sua imagem e semelhança. O "porfiriato" mexicano é o exemplo mais clássico desta etapa de bonança e organização nacional.

Ao ouvir as estridentes sirenes do novo século, a América Latina viveu a etapa de estabilização, organização nacional e despotismo ilustrado. Cultural e economicamente estamos muito mais próximos de Londres, Paris ou Nova York, que da capital do país limítrofe. Perdemos a lembrança da origem libertária comum. Cada burguesia regional, encadeada ao mercado mundial, compete ferozmente nos preços de exportação e constituiu estados rivais.

Apenas um país, Cuba, não se independentizou no século XIX. Quando consegue a independência, sem solução de continuidade cai prisioneiro em um domínio muito mais poderoso, o do imperialismo yanque, que um século antes havia estreado na América Central sua política de dominação mundial. Porém, Cuba, epílogo da primeira libertação latino-americana, é o prólogo da segunda.